

## Estudar música aumenta a capacidade de raciocínio.

Extraído do texto "Musica na Cabeça" de Rodrigo Cavalcante



A habilidade para a música é considerada por muitos pedagogos – entre eles o norte-americano Howard Gardner, autor do livro *Inteligências Múltiplas* – como uma forma de inteligência tão importante para nós quanto a habilidade lógico-matemática ou lingüística. E essa inteligência auxiliaria, inclusive, outros tipos de raciocínio. Há alguns anos, por exemplo, os cientistas debatem o chamado “Efeito Mozart”. Trata-se de uma prova de que crianças ficam mais “espertas” para cálculos depois de escutar a Sonata para Dois Pianos em Ré Maior, do compositor austríaco.

O poder da música para a concentração e para a manipulação das emoções humanas não está apenas despertando o interesse dos músicos e dos estudiosos da música. “Psicólogos, produtores de filme e, claro, políticos, também estão se interessando por esses novos campos”, diz Tramo.

Existem até pesquisas que identificam o gênero musical mais eficiente para que o cliente não desligue o telefone enquanto ouve a infernal mensagem de espera: “A sua ligação é muito importante para nós...” Na Universidade de Cincinnati, Estados Unidos, um estudo concluiu que a maioria das pessoas prefere ouvir jazz e música clássica ao esperar o atendimento – esses gêneros fariam com que eles sentissem o tempo passar mais rápido. Já o rock foi um desastre para preservar os clientes. Curiosamente, ele parecia aumentar o tempo esperado, minando a paciência de quem aguardava na linha. Nesse mesmo filão, o pesquisador Donald Fucci, da Universidade de Ohio, sugeriu que os mais velhos não se sentem atraídos pelo rock por uma questão fisiológica – e não por um conflito de gerações. Fucci explica que a perda da audição com o passar dos anos é acompanhada de uma percepção distorcida de alguns sons: entre eles, o do contra-baixo e o da bateria, base do rock.

Após receber mais atenção e verbas para suas pesquisas nos últimos anos, a biomusicologia vem revelando o que boa parte das pessoas já desconfiava: somos todos seres musicais. E a biologia é mais responsável por isso do que imaginávamos. O músico John Cage já tinha antecipado essas descobertas depois de realizar uma das mais simples e importantes experiências com os sons. Isolado de todo ruído externo, Cage comprovou que escutamos, no mínimo, o grave da nossa pulsação e o agudo do nosso sistema nervoso. Até a vida, livre de ruídos externos, tem o seu ritmo e a sua própria música.

Depois da Segunda Guerra Mundial, hospitais americanos obtiveram resultados surpreendentes ao contratar músicos para ajudar na recuperação dos veteranos de guerra. “Foi assim que a musicoterapia ganhou força”, diz Cléo Correia, vice presidente da Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia de São Paulo. Desde então, a terapia através da música e do uso de sons ganhou status acadêmico. Hoje, no Brasil, existem mais de cinco cursos de graduação sobre o tema. “Os médicos estão mais conscientes da importância da música em diversos tratamentos”, diz Cléo. “Até para diminuir a percepção de dor dos pacientes que estão na UTI depois de uma cirurgia.”

Na Universidade Federal Paulista de Medicina, o neurologista Mauro Muszkat pesquisou as alterações elétricas no cérebro de pacientes ao escutarem música. “Um paciente que sofreu algum dano cerebral pode recuperar algumas dessas funções se for estimulado com a música”,

diz Muszkat. Os musicoterapeutas trabalham com um roteiro específico de músicas e sons de ambientes que estimulam a resposta de cada paciente. Em alguns hospitais, a música serve até como trilha sonora do trabalho de parto. “Uso a música para estimular as contrações uterinas”, diz José Bento de Souza, obstetra do hospital paulista Albert Einstein. Em sua sala de parto, os bebês nascem ao som de Mozart e Beethoven, como numa grande abertura de ópera.

Para saber mais

Na livraria:

O Som e O Sentido – Uma Outra História das Músicas, José Miguel Wisnik, Cia. das Letras, São Paulo, 1999

Inteligências Múltiplas, Howard Gardner, Artmed, São Paulo, 1995

A Música na Mente (By Sharon Begley)

**Tradução de trecho da revista NEWSWEEK de 24 de julho de 2000 – da seção SOCIEDADE & A ARTE**

Aprender música pode ajudar crianças a terem melhor desempenho em matemática. Quando um pesquisador numa recente conferência em Nova Iorque trouxe à tona esses estudos, ele obteve um auditório cheio de risadas (era o óbvio). Ainda assim, esse elo, reportado em 1997 por Gordon Shaw, Irvine, e Frances Rauscher na Universidade de Wisconsin, continua válido. No ano passado, Shaw comparou três grupos de alunos da segunda série: 26 tiveram aula de piano mais prática com um videogame de matemática; 29 receberam aulas extras de inglês mais o jogo matemático e 28 não tiveram nenhuma aula especial. Após quatro meses, as crianças que recebiam aulas de piano, apresentaram resultados de 15% a 41% superiores em testes de proporções e frações do que as outras crianças. Este ano, Shaw reportou que a música pode ajudar a superar o hiato socioeconômico. Ele comparou alunos de segunda série do Distrito Central (mais pobre) de Los Angeles, com alunos de quarta e quinta séries do condado de maior renda, de Orange, na Califórnia. Após um ano, os alunos de segunda série que receberam aulas de piano duas vezes por semana na escola, apresentaram desempenho em testes de matemática, tão bom quanto os alunos que não tiveram aulas de música, da quarta série; e metade dos alunos da segunda série, apresentou um desempenho igual aos da quinta série.

Mas será que a música faz sua magia, simplesmente fazendo a escola mais agradável, ou porque as aulas de música fazem as crianças ter contato mais pessoal com os professores? Se fosse isso, então a música deveria produzir melhor desempenho em várias matérias. Mas não o faz. Apesar de que as crianças que receberam aulas de música apresentaram em geral melhor desempenho, devido “ao alto astral” e a efeitos de receberem mais atenção, o psicólogo Martin Gardiner da Universidade Brown, descobriu que “elas simplesmente dispararam à frente em matemática. Isso não pode ser explicado somente por efeitos sociais ou de mais atenção. Há algo específico entre a música e a matemática”. Esse algo pode ser porque a música envolve proporções, frações e seqüências – tudo o quê, está subjacente ao raciocínio matemático.

O cérebro parece ser uma esponja para a música e, como uma esponja na água, é mudado por ela. Os hemisférios direito e esquerdo do cérebro são conectados por uma grande linha-tronco chamado corpus callosum. Quando compararam os corpus callosum de trinta músicos profissionais de piano e de cordas, com os de trinta indivíduos que não eram músicos, pesquisadores liderados por Dr. Gottfried Schlaug do Centro Médico Beth Israel Deaconess em Boston, descobriram diferenças marcantes. A parte frontal deste grosso cabo neurônico é maior em músicos, especialmente se eles iniciaram seus treinamento, antes da idade de sete anos. A parte frontal do corpus callosum conecta os dois lados do córtex pré-motor, onde as ações são mapeadas antes de elas serem executadas. “Estas conexões são críticas para a rápida coordenação de movimentos ambidestros”, tais como aqueles que as mãos dos pianistas executam no movimento de allegro, diz Schlaug. A via expressa neural conectando os lados direito e esquerdo do cérebro podem explicar alguma coisa a mais, também. O lado direito é ligado à emoção, o esquerdo à cognição. Os maiores músicos, é claro, não são somente mestres na técnica mas também adeptos em fundir sua atuação com a emoção. Talvez esta seja a razão.